

Inferências Cognitivas sobre a Cegueira nos Ensinos de Jesus

Lisa Mara de Barros Lins <lisamaralins@hotmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – O artigo analisa dois episódios do Evangelho nos quais a cegueira recebe cura e, em razão das circunstâncias associadas a cada um, possibilita inferir ensinamentos que lhes são inerentes. No Cego de Jericó, onde a cegueira é analisada como doença, constata-se o Espírito experimentando consequências de rebeldia perante as leis naturais. No Cego de Nascimento, onde a cegueira é analisada como circunstância, observa-se o Espírito já associado a um propósito de progresso e, por isso, servindo de instrumento para o cumprimento da vontade de Deus.

Palavras-chave – Cegueira Espiritual. Evangelho. Cego de Nascimento. Cego de Jericó.

1. INTRODUÇÃO

A luz é essencial para a existência da vida. A criatura orienta-se pela luz, que lhe influencia física e psicologicamente, regulando-lhe ritmos químicos e biológicos.

Livre das amarras carnis, o Espírito enxerga com todo o seu ser, conforme nos ensinam as questões 245 e 249 do Livro dos Espíritos [1]. Porém, na condição de *Homo sapiens*¹, necessita de um aparato biológico que lhe possibilite detectar padrões de luminosidade do meio externo, integrando-os a um processo cognitivo. Assim, no âmbito da carne, para a ocorrência de visão, primeiro é necessário que haja luz; a seguir, um fenômeno físico de captação, envolvendo o olho com suas estruturas agregadas, por exemplo: cílios, retina, células fotossensíveis, nervo, etc.; por fim, um processo cognitivo acionado a partir dos dados recebidos pelo encéfalo, em cotejo com um banco de informações armazenadas no cérebro.

A cegueira é a privação total ou parcial do sentido da visão e tanto pode ocorrer por incipiência no sensor de captação da luz, quanto por falha no processamento da imagem. A acuidade visual, portanto, depende do quanto de luz nossos sensores já conseguem captar e da capacidade de interpretação da mente.

Imerso na carne, o Espírito é convidado a “olhar para fora”, a fim de que aprenda a caminhar para, então, vibrar na frequência do Criador. Contudo, para enxergar a Deus, é imprescindível que o ser enxergue a si mesmo, ratificando, por livre expressão da vontade, sem quaisquer constrangimentos ou fatores de coação, esse elo de filiação com o Pai. Como a jornada evolutiva é longa, às vezes a criatura busca veredas tangenciais, mal pavimentadas, e termina se acidentando nos becos de insalubridade, às vezes se aprisionando. É quando, já caída na escuridão, percebe-se doente, necessitando de cura.

Também conosco tem sido assim. Cansados de nossa limitação visual, ouvimos falar da existência de amoroso terapeuta, especialmente enviado para abrir os olhos aos cegos e possuidor das mais altas capacidades de que se tem notícia. Resolvemos buscá-Lo.

Acolhedor, Ele nos recebe em atendimento. Realizada a anamnese, somos informados de que, para obter cura, é essencial estudar sobre a cegueira, reconhecer em que padrões ela se manifesta e identificar as vulnerabilidades que nos expõem a ela, utilizando o Evangelho como fonte de esclarecimento e proposta terapêutica. No nosso caso específico, tendo em vista enormes

¹ Ideia construída a partir da abordagem desenvolvida por Yuval Harari [2].

dificuldades de assimilação e reiterada rebeldia, foi-nos sugerido, ainda, frequentar um “*kumon*”, aulas de reforço organizadas com o material didático elaborado pelo Professor Hippolyte Léon Denizard Raivail.

Seguimos em longo tratamento. Há algum tempo, em aula do EADE (Ensino Aprofundado da Doutrina Espírita), demo-nos conta de que o Doutor Celestial utilizou a cegueira física como relevante elemento de seus cenários pedagógicos, para ensinar sobre a cegueira espiritual. O tema muito nos interessou, pois nos diz respeito.

Sem qualquer pretensão de esgotar a matéria, escrevemos este artigo como oportuno exercício de fixação de nossos estudos, com o objetivo de analisar algumas das características da cegueira e seu processo de cura. Adotaremos como fonte de reflexão dois episódios registrados nos evangelhos canônicos, extraídos da Bíblia de Jerusalém [3]: a Cura do Cego de Jericó e a Cura do Cego de Nascença, que serão analisados à luz da Doutrina Espírita.

2. A CURA DO CEGO DE JERICÓ

O episódio é narrado por Marcos (10:46-52), Lucas (18:35-43) e Mateus (20:29-34). Marcos refere-se a um cego, na saída de Jericó; Lucas, informa que foi na entrada da cidade e Mateus assevera que foram dois os cegos, ambos na saída de Jericó.

Definir a quantidade exata de cegos envolvidos ou o local preciso em que estavam situados é questão irrelevante para o objetivo deste artigo, tendo em vista que o contexto está perfeitamente delineado, ofertando informações suficientes para respaldar a análise que faremos a seguir.

O evento ocorreu quando Jesus, já a caminho de Jerusalém para os testemunhos finais de Sua missão, passava por Jericó pela última vez. O Cristo marchava para a Cruz, acompanhado de grande multidão.

Um cego, assentado à beira do caminho, ouvindo-o passar, clama pedindo misericórdia. É repreendido pelo populacho, mas reitera a rogativa. Jesus manda-o chamar à Sua presença e lhe indaga: “Que queres que te faça?” Ele responde: “Rabuni, que eu possa ver novamente”. Jesus opera a cura e o cego, agradecido, segue-O.

Jericó localizava-se em região quase deserta, no Vale do Jordão, a 210 metros abaixo do nível do mar. Sobre tal cidade, narra o Espírito Amélia Rodrigues: “[...] Graças ao seu *clima ameno*, apesar de ardente na quadra do verão, fez-se lugar de destaque elegido pelo *ócio* e pela *riqueza material*, como pouso para o *conforto* e área privilegiada para o *prazer* [...]” (grifos nossos) [4].

Em contraponto a Jerusalém, cidade associada às buscas espirituais, à adoração e comunhão com Deus, Jericó, portanto, relacionava-se com os deleites que o mundo pode proporcionar aos *sapiens*.

É razoável supor que o cego estivesse posicionado à saída de Jericó e, por conseguinte, ainda na órbita e sob o “cep”² de Jericó. Afinal, quando nosso objetivo de vida gira em torno da busca pelas “estruturas-Jericó” que o mundo proporciona, ainda não temos determinação suficiente para trilhar o caminho que leva a Jerusalém. Por outro lado, quando frustrados ou desiludidos de buscar no mundo as respostas para as necessidades do Espírito, tendemos a nos colocar mais distantes do centro das palpitações mundanas e inclinados a nos situar nas proximidades dos caminhos que levam a Deus.

² Sigla usada para designar “código de endereçamento postal”, usado neste texto de modo figurativo para representar um âmbito de fixação do personagem.

2.1. BARTIMEU E AS CONSEQUÊNCIAS DA CEGUEIRA: MENDICÂNCIA

Atesta Marcos que o cego se chamava Bartimeu, era filho de Timeu e estava assentado à beira do caminho, mendigando.

A cegueira é difícil provação. Nos tempos de hoje, para garantir e realizar a inclusão social da pessoa com deficiência, há todo um universo de normas e ações afirmativas. Todavia, ser cego nos tempos de Jesus significava enfrentar dificuldades incontavelmente maiores do que agora. Para os judeus, a cegueira era considerada castigo divino, impureza, motivo de vergonha para a família. O portador via-se marcado por um estigma e sofria preconceitos de variadas ordens, não podendo trabalhar, sendo automaticamente segregado da dinâmica social.

A narrativa também indica que Bartimeu não tinha individualidade, sequer um nome que lhe fosse próprio, pelo qual fosse conhecido, pois era referido apenas como “filho de Timeu”. Era socialmente invisível.

Cego, não sabia para onde ia, dependendo de alguém para lhe indicar um caminho, de forma que não tinha autonomia. A cegueira o expunha à enorme vulnerabilidade, levando-o à mendicância.

A mendicidade habitua o ser a viver sem trabalho, na condição de incapaz. Acostuma a criatura a sentir-se vítima impotente e incompetente. Drena o desejo de progresso, na medida em que alimenta a fantasia de que melhorias concretas são produto dos ventos da boa sorte e podem surgir a qualquer momento, como passe de mágica, e não como consequência de direcionamento e esforço. Enfim, dispara um processo vicioso de comodidade, gerando automatismo e induzindo assentamento.

O *Homo sapiens* mendigo vive de esmolas, de migalhas, na dependência de que alguém lhe enxergue merecedor. Adotando os valores do mundo como unidade de medida de sua dignidade, sobrevive em função da disponibilidade e agenda alheias, da conveniência de terceiros, do julgamento e misericórdia de outrem, daquilo que o outro considera abundante.

Assim também ocorre com o Espírito quando não aceita que suas verdadeiras necessidades são aquelas estabelecidas por Deus, nosso real provedor. A ilusão de que é possível terceirizar a satisfação de sua dignidade de espírito compromete-lhe a visão.

A cegueira espiritual coloca as criaturas à margem do caminho do progresso evolutivo. Estando “à margem”, é claro que o ser não pode mesmo estar “no” caminho, pois esse é o que vai das benesses e fruições materiais, para a ascensão espiritual; da mendicância, para a autonomia; da dor, para a redenção; do cativeiro da carne, para a aceitação da liberdade; da vida de *sapiens*, para a vida imperecível.

2.2. A CAPA DE cego E O SALTO PARA A CURA

Na condição de cego, Bartimeu usava uma capa, que funcionava como um “alvará” para mendicância. A capa era o seu bem mais precioso, ostentando múltiplas utilidades. Protegia-lhe da poeira e do frio, definindo as fronteiras do espaço onde se assentava. Assegurava-lhe a possibilidade de receber sua “ração”, a esmola, mas, não o progresso, nem a abundância, pois não lhe oferecia qualquer perspectiva de mudança. Sua única “riqueza” era mais um “atestado de pobreza”.

O Espírito adoecido pela cegueira também veste capas. Muitas vezes, são aqueles repetidos e desbotados figurinos de vítima, ou outros narcóticos da consciência, verdadeiros mecanismos de defesa do ego. É a terra espinhosa referida na Parábola do Semeador (Mt 13:3-9) ou, melhor dizendo, os velhos e conhecidos vícios do *sapiens*.

Contudo, a cegueira tem cura. Para tanto, é necessário que o ser se perceba doente, exteriorize vontade firme de sair do “cep” de Jericó e prumo para trilhar o caminho de Jerusalém.

Para sair do quadro de cegueira espiritual, avançando rumo à perfeição, é necessário que não mais se enxergue como *sapiens*, e sim como Espírito, filho de Deus, o que implica a consciência e aceitação de que é imperecível, perfectível e destinado à felicidade.

Exteriorizar essa certeza, reiteradas vezes, quantas se fizerem necessárias, é imprescindível para a cura. Abandonar a capa, retirando as máscaras, livrando-se das formas viciadas de viver, desvencilhando-se de tudo o que pode representar empecilho para o encontro com o Cristo, é condição essencial para a felicidade

A largada para essa jornada exige que a criatura passe a se validar pelas Leis Divinas e não por circunstâncias exteriores. Nacionalidade, naturalidade, procedência familiar, poder aquisitivo, posição social, estado civil, aparência física, virilidade.... tudo são nuvens passageiras, brancas ou cinzentas, que vão e voltam, e apenas compõem estações vivenciais.

Bartimeu, reconhecendo que Jesus representava sua real possibilidade de cura, clamou. O mundo o admoestou, repelindo sua iniciativa. Demonstrando reunir todos os requisitos para ver e beneficiar-se da luz, ele não desistiu e repetiu a súplica, aumentando a voz impregnada de sinceridade e esperança.

Embora tenha se detido, Jesus não foi até Bartimeu, mas mandou que o chamassem a Sua presença.

O chamado para a cura é convite irrecusável e deve nos infundir ânimo. Exige esforço para levantar e mudança de atitude. Conclama a um reposicionamento e, conseqüentemente, exige dispêndio de energia.

O cego larga a capa e, de um salto, vai até Jesus. Cegos não costumam pular, mas apalpar. Todavia, Bartimeu deu um “salto quântico”³ em sua vida, passando a orbitar em outra faixa de vibração.

“Que queres que te faça?” A resposta a essa pergunta parecia óbvia, mas não era, pois nem todo doente quer a cura do espírito. O incômodo pode ser com os sintomas, não com a doença. A cura exige um preço a ser pago, portanto, deve respeitar o livre-arbítrio e não pode ser imposta. A vontade do doente é soberana.

Bartimeu sabia o que queria e soube pedir. Curado da cegueira, não apenas exultou e agradeceu, mas, passou a seguir o Cristo, no caminho.

3. A CURA DO CEGO DE NASCENÇA

Narrado em João 9, o episódio ocorre em um sábado, em Jerusalém, o centro do poder religioso, quando da realização da Festa dos Tabernáculos, evento importantíssimo para o Judaísmo, no qual se celebram os 40 anos em que os israelitas peregrinaram pelo deserto, após a libertação do cativeiro no Egito.

Na ocasião, movimentando-se por Jerusalém com os discípulos, Jesus viu um cego e foi em sua direção. Os discípulos também viram o necessitado, mas, tocados apenas de curiosidade teológica, indagaram quem havia pecado para que aquele homem houvesse nascido cego, se tinha sido ele mesmo ou seus pais.

A pergunta indica robusta evidência de que os judeus criam na Lei de Causa e Efeito e, de forma insipiente, na multiplicidade das existências.

³ Salto quântico aqui é utilizado como metáfora, pois designa o movimento do elétron saindo de sua órbita

Trazendo para a realidade em que vivemos, quase sempre, nós, que buscamos ser discípulos do Cristo, também nos portamos e nos sentimos assim, diante do infortúnio alheio: olhamos com curiosidade, mas não com piedade; perscrutamos o passado da criatura, sem enxergar as possibilidades do futuro; queremos saber o porquê, olvidando o para quê.

O Cristo, entretanto, sempre tinha um olhar de compaixão para as criaturas, reconhecendo que todas eram parte de um projeto divino. Respondendo aos discípulos, Jesus elucidou que nem o cego, nem seus pais haviam pecado, mas as obras de Deus iriam se manifestar através daquela situação.

3.1. UMA REFLEXÃO SOBRE O PECADO

A Doutrina Espírita esclarece que os Espíritos, embora tenham sido criados simples e ignorantes, são perfectíveis. Trazem a lei divina inscrita na consciência, são dotados de livre-arbítrio e se submetem à Lei do Progresso, avançando no sentido da perfeição, quando então terão adquirido a plenitude de suas faculdades morais e intelectuais, conforme as questões 114 a 127 de O Livro dos Espíritos [1]. Enquanto não atingida a perfeição, o Espírito atravessa uma fase caracterizada pela ausência de compreensão ampla e integral das leis divinas, uma espécie de infância espiritual.

Portanto, tendo em vista que passar por essa fase é desígnio de Deus e regra geral para todos, a inferioridade espiritual, por si só, não é passível de culpabilidade. Não é caracterizada como doença do espírito. Na verdade, é mero achado no panorama de nossa trajetória evolutiva.

O Espírito progride realizando as tarefas que a Divindade lhe determina, das quais nem sempre tem consciência, mas através das quais é convidado a desenvolver o raciocínio e a agir, de forma consciente, em conformidade com o padrão moral estabelecido por Deus.

Esse processo de aquisição de inteligência e moralidade é lento, pois tais valores são do Espírito, não passíveis de corrosão pela traça ou caruncho. Incorporá-los ao patrimônio espiritual leva tempo, porque requer persistência e docilidade à vontade divina.

Por tempos não mensuráveis, marcha o ser envergando sua inferioridade. Todavia, desde que aceite os desígnios divinos, dando o melhor de si, esforçando-se para ultrapassar a fieira da ignorância e consolidar virtudes, cumpre sua rota evolutiva de maneira natural e saudável, sem sabotagens.

Porém, o mesmo não ocorre com aquele que, independentemente do ponto em que se situe na escala evolutiva (mais inferior, menos inferior, quase perfeito), recusa-se a submeter-se à Lei de Deus, por vontade consciente, no mau uso do livre arbítrio. Essa rebeldia a Deus é o que caracteriza a doença moral.

É claro que o rebelde também vai progredir, porque ninguém consegue escapar ao que lhe é determinante, porém, fá-lo-á muito mais lentamente.

Nesse sentido, o “pecado” referido no episódio não consiste na acanhada percepção das Leis Divinas, mas sim na malversação do livre-arbítrio, na rebeldia. E este, pela análise feita, não parece ser o caso do Cego de Nascimento.

3.2. O MÉTODO ADOTADO PARA A CURA

Depois de responder à indagação dos discípulos sobre possíveis pecados associados ao cego ou a seus ascendentes, Jesus alerta que a cegueira deve ser curada enquanto é dia, isto é, enquanto há luz, quando as condições são propícias, pois quando vem a noite, o período em que despontam condições adversas, é muito difícil avançar.

Jesus curou o cego misturando saliva e terra, preparando uma “lama” curativa e aplicando nos olhos do enfermo. Tal aparato não era necessário, pois o Cristo podia curar pela ação instantânea de Sua vontade. Mas, essa dinâmica de “olaria” servia para mostrar ao enfermo que o processo da cura seria disparado. Então, Jesus instrui o cego a caminhar até o Tanque de Siloé (que significava o Enviado) e a lavar-se. Ele obedece e fica curado.

A cura não foi ato unilateral da vontade do Benfeitor. Inicialmente, o cego teve que se submeter à dinâmica oleira de Jesus; depois, precisou caminhar a partir das instruções recebidas e, por fim, lavar-se nas “águas do Enviado”.

Importa frisar que as prescrições de Jesus implicavam cumprir uma meta de caminhada suportando um certo desconforto na vista, pois essa é a sensação experimentada quando somos apresentados à Verdade: o incômodo. O passo seguinte determinava lavar-se no manancial do Enviado. Somente após tudo isso é que se teria visão clara.

O cego obedeceu e ficou são.

3.3. EFEITOS DA CURA PARA O BENEFICIADO E SEU ENTORNO

Curar-se de cegueira foi acontecimento que não passou ignorado. A percepção da luz certamente representou experiência indescritível para o cego, não deixando indiferentes os que lhe eram próximos, tanto que indagaram: “Não é esse que ficava sentado a mendigar?”

O questionamento formulado indica que, após a cura, houve significativa mudança no comportamento do curado. Ele deixou de ser mendigo, tornando-se um ser autônomo. Embora sob a mesma aparência física, certamente passou a conduzir-se de modo diverso, porque teve os “olhos abertos”.

Ante a dúvida dos circunstantes sobre sua identidade, o beneficiado afirma: “Sou eu mesmo”. Infere-se, por isso, que a cura lhe agregou um avanço no autoconhecimento, conferindo-lhe a habilidade de enxergar a si próprio. Eis que, seguro de si, o cego espancou as controvérsias sobre sua identidade.

Ainda no círculo próximo, perguntaram-lhe como se dera a cura. Ele respondeu pontuando o passo a passo da ocorrência, reportando-se a Jesus como o “Homem” que operara o fenômeno. Indagaram-lhe onde estava Jesus. Ele disse não saber.

De fato, quando pensamos em Jesus somente do ponto de vista material, apenas como mais um homem que pode nos proporcionar algo, um *sapiens* melhorado, nunca sabemos onde ele está, por onde está passando, de quem se acompanha, do que pode estar se ocupando...

3.4. EFEITOS DA CURA NO ÂMBITO RELIGIOSO

Como era de se esperar, as notícias do ocorrido ganharam atenção e destaque na cidade, originando tensões de percepções. Ao cenário pedagógico de Jesus, compareceram outros doentes: os fariseus, detentores de sensores óticos em perfeito estado de funcionamento, mas portadores da cegueira causada pelo dogmatismo religioso.

Tendo em vista que a cura se dera em um sábado, o que era proibido para os judeus, os fariseus, que se acreditavam os “donos” da religião judaica, sentiram-se afrontados e foram interrogar o que fora cego.

Ante as respostas recebidas e as evidências constatadas, não podendo apagar o fato em si e nem questionar sua veracidade, tentaram diminuir a grandeza do sinal operado, vez que a cura de um cego de nascença era prodígio ainda não realizado na história e feito desta monta seria atribuível somente ao Messias.

Na vã tentativa de enquadrar a ação do Mestre na moldura religiosa vigente, propalaram que Jesus não vinha de Deus, pois não guardava o sábado. Novamente, indagado sobre a identidade de Jesus, o cego então respondeu tratar-se de “Profeta”.

Mudando a estratégia e ainda na tentativa de diminuir o fato, os fariseus buscaram negar que a cegueira fosse congênita e, procurando alguma contradição, foram interrogar os pais do beneficiado. Os genitores confirmaram que o filho já nascera cego, ressaltando, entretanto, que não sabiam explicar como a cura se dera. Quanto à pessoa de Jesus, aconselharam os inquiridores a interrogar o filho, pois este já tinha idade de responder por si só.

A resposta daqueles pais foi de enorme sabedoria, contendo reflexão sob medida: apenas aqueles que já galgaram uma certa idade espiritual podem explicar como Jesus opera suas curas.

Então, compelidos a reconhecer que a cura provinha de Deus, pois era fato inconteste, os fariseus tentaram, todavia, desvincular a pessoa de Jesus da ação divina, qualificando-o de pecador, já que efetuara o prodígio em um sábado. Nesse propósito, efetuaram novo interrogatório ao que fora cego, recebendo como resposta mais um testemunho: “Se Jesus é pecador, eu não sei. Eu era cego e agora vejo”

De fato, estabelecer definições teológicas sobre a pessoa do Cristo escapa a qualquer possibilidade nossa. Trata-se de um Espírito com absoluto domínio das leis morais e possuidor dos mais aprofundados conhecimentos sobre a criação dos mundos, o estabelecimento das órbitas dos corpos celestes, a definição de leis naturais, as implicações da Matemática, as explicações da Física Quântica, a Música, a Arte, a Política, a Psicologia...

Desse modo, para espíritos no nosso grau evolutivo, o único testemunho válido acerca do Cristo, desde que verdadeiro, é a nossa transformação pessoal: “Eu era cego e agora vejo”.

Após dizer mais algumas verdades aos fariseus, o cego foi expulso do templo. Estabelecendo um paralelo com a lei civil, a expulsão funcionava quase como um banimento. Para o indivíduo, significava ser proscrito, ser tachado de pessoa ruim, indigna de confiança. Era uma espécie de “excomunhão”.

Após a cura, a percepção do cego acerca da pessoa de Jesus registra uma inusitada evolução. Inicia indicando-o apenas como “um homem”; em seguida passa a enxergar nele “um Profeta”. Por fim, é o próprio Cristo quem se lhe dá a conhecer, apresentando-se como “o Filho do Homem”.

4. APRENDIZADOS

Desde tenra idade, as crianças são apresentadas a um conceito de Justiça que envolve, para os bons, reconhecimento e glória; para os infratores, punição e dor. Isso se evidencia nas fábulas, nas histórias infantis, nos desenhos animados, filmes de Hollywood, etc.

Inegavelmente, sou parte desse contexto. Ainda muito menina, minha primeira impressão, ao entrar em contato com a história de Jesus, foi de choque. Afinal, como explicar que um “Homem” tão bom, que nunca fez nada de errado, sofresse tudo aquilo? Ao meu olhar, o sofrimento a ele infligido foi tão estarrecedor, tão altissonante, que a ressurreição pareceu, apenas, um leve sussurro...

Cresci sendo ensinada a lançar ao Cristo um olhar de carpideira. A adolescência vivida em colégio religioso garantiu-me saber enumerar muitos dos acontecimentos de Sua vida, incluindo vários dos prodígios por Ele realizados. Com efeito, aos olhos do mundo, Jesus conseguiu notoriedade: operou curas, multiplicou alimentos, andou sobre as águas... foi crucificado, mas, ressuscitou; teve seguidores incontáveis, sua história virou livro, seu nascimento até dividiu o calendário. Todavia, para mim, Jesus continuava sendo um estranho personagem de um doloroso filme em preto e branco.

Os anos se passaram e a vida me trouxe para a Fundação Allan Kardec. Estudar o Espiritismo foi meu grande salto quântico. A compreensão de temas ligados ao Sagrado tem sido essencial para que eu ressignifique minha identidade de filha de Deus. Quanto a Jesus, a Doutrina Espírita me ensinou que Ele é um irmão mais velho, guia e modelo de todos. Para conhecê-Lo e prazerosamente seguir atrás dele, por qualquer caminho que percorra, é necessário estudá-Lo.

Tenho adotado essa orientação e, pouco a pouco, constato que cada fato, cada diálogo, cada episódio da vida de Jesus é um mundo de bênçãos e de luz, pujante de cores, a ratificar que procedemos de Deus.

Ao buscá-Lo, vou conhecendo outros irmãos, também filhos desse mesmo Pai, cujas histórias estão narradas e retratadas no grande álbum de família que se chama Evangelho. Quanto mais me permito abrir o coração para introduzi-los em minha vida, mais me percebo parecida com eles, porque, afinal, somos da mesma família. E quanto mais me enxergo como parte, mais me reencontro. Por outro lado, é através do contato com os “manos” que aprofundo meu olhar sobre Jesus.

Aprendi bastante com o Cego de Nascimento, porém gostei imensamente de conhecer o irmão querido que vivia em Jericó. Talvez por me identificar mais com ele, enchi-me de gratidão, respeito e admiração por sua pessoa. Escrever o artigo representou um estreitar de laços com esse personagem e, por consequência, com todos os “Bartimeus” da vida, corações estes que experimentam situações similares.

Sei que somos uma família extensa, de gente complicada e trabalhosa. Todavia, Jesus tem sabido cuidar de nós, porque é muito experiente. Ele espera pelo nosso progresso e deseja que sejamos capazes de viver em abundância, por isso não nos adentra para a vida de *sapiens*, Ele educa os Espíritos imortais que somos. Sua história, seus feitos e cada movimento seu é cenário pedagógico planejado com esmero e perfeição, cheio de cores e significados profundos, onde todos somos seus alunos e aprendizes uns dos outros.

Bartimeu é prova viva de que Jesus vai realizar seu intento. E quando esse dia chegar, nós, os irmãos, celebraremos todos juntos, felizes, porque reunidos diante do Pai.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aquisição de inteligência e moralidade envolve a educação do livre-arbítrio, de forma a garantir que a vontade da criatura, em toda e qualquer situação, flua exatamente em conformidade com a vontade do Criador.

Do episódio do Cego de Jericó é possível deduzir que:

- Jericó, ambiente repleto de estruturas que induzem assentamento, representa um tipo de área endêmica de cegueira espiritual. Para evitar o adoecimento, a medida profilática mais eficiente é vigiar e agir em conformidade com a certeza de que o Homo sapiens tem um destino transcendente, pois, na verdade, é Espírito, filho de Deus.
- o ambiente exterior em que o Espírito estagia, por si só, não é o que causa a cegueira-doença. Jesus transitou por diversos espaços de morbidade, mas não adoeceu, porque já tinha um “sistema imunológico” desenvolvido.
- o início do processo de cura da cegueira-doença, aquela contraída pelo Espírito no mau uso do livre-arbítrio, reclama inequívoca manifestação da vontade do doente;

Do episódio do Cego de Nascimento, é possível inferir que:

- Nem toda circunstância adversa a que o Espírito está submetido indica punição por pecado cometido, podendo mesmo representar cenário de aprendizado;

- a cegueira espiritual, quando entendida como simples circunstância integrante da rota evolutiva do ser, não é doença moral. Nesse caso, a criatura não vê, porque ainda não reúne condições para tanto;
- a cegueira-circunstancial é sanada por iniciativa da própria Divindade que, identificando o momento adequado, apresenta ao Espírito a oportunidade para que este caminhe mais alguns passos em direção à luz;
- mesmo em Jerusalém, inúmeros casos de cegueira espiritual são notificados (fariseus). É que a moléstia é traiçoeira e não é curada apenas com a mudança do paciente de um ambiente insalubre para entorno considerado de menor risco. Basta que o ser entre em contato com fatores de diminuição das defesas, para que a doença se apresente pujantemente reativada.
- o projeto da Divindade é “Saúde para Todos”. Assim, não são esquecidos desse programa cósmico os Espíritos que enfrentam fases de agudização da doença da cegueira espiritual, como os fariseus. Também para esses, a Divindade envia seus médicos e agentes de saúde, que operam sinais e prodígios variados, convidando os enfermos a raciocinar de modo diferente, na tentativa de sensibilizá-los para a cura.

Independentemente da causa originadora da cegueira (simples inferioridade do Espírito ou rebeldia a Deus), o olhar traz a lume nossa intimidade, confessando ao mundo nossa posição evolutiva. Não à toa, Jesus disse: “A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se o teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará iluminado” (Mt 6:22).

Finalmente, é imperioso reconhecer que, tanto mais saímos da condição de cegos, mais nos aproximamos do Cristo, e somos inexoravelmente levados a perceber que Ele é, de fato, o Messias prometido.

6. REFERÊNCIAS

- [1] Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução Guillon Ribeiro. 93^a Ed. Brasília: FEB, 2013.
- [2] YUVAL Noah Harari. *Sapiens – Uma Breve História da Humanidade*. 29^a Edição. Ed. Harper, 2011.
- [3] Bíblia – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- [4] FRANCO, Divaldo Pereira. *Inesquecível Diálogo*. In: Pelos Caminhos de Jesus. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 3^a. Edição. Salvador. Livraria Espírita Alvorada, 1998. cap. 18, p. 153.